

## Referências bibliográficas

ALMEIDA, Maria I. Mendes de; EUGENIO, Fernanda (orgs.). **Culturas Jovens: novos mapas do afeto**. Rio de Janeiro, Zahar, 2006.

AMARILHA, Marly. “O ensino da Literatura: ler, ouvir, colaborar e conhecer ou ‘O testamento de Clara’”. **Leitura: Teoria e Prática**, número 46. Campinas: ALB; São Paulo: Global Editora, 2006.

ANDRADE, Ludmila Thomé de. **Professores-leitores e sua formação: transformações discursivas de conhecimentos e de saberes**. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2004.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. São Paulo: Loyola, 2004.

\_\_\_\_\_. “A inevitável travessia: da prescrição gramatical à educação linguística”. In: **Língua materna: letramento, variação e ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

BAJARD, Elie. **Da escuta de textos à leitura**. São Paulo: Cortez, 2007.

\_\_\_\_\_. **Ler e dizer: compreensão e comunicação do texto escrito**. São Paulo: Cortez, 2005.

BARTHES, Roland. **Aula**. São Paulo: Cultrix, 1996.

\_\_\_\_\_. **O prazer do texto**. São Paulo: Perspectiva, 1997.

BATISTA, A. A. Gomes; GALVÃO, A. M. de Oliveira (orgs.). **Leitura: práticas, impressos, letramentos**. Belo Horizonte: Ceale/Autêntica, 2005.

BECKER, Howard S. **Outsiders: studies in the sociology of deviance**. Nova York: The Free Press, 1973.

\_\_\_\_\_. **Uma teoria da ação coletiva**. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

CALVINO, Italo. **Seis propostas para o próximo milênio**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CHARTIER, Anne-Marie. **Práticas de leitura e escrita: história e atualidade**. Belo Horizonte: Ceale/Autêntica, 2007.

\_\_\_\_\_. “Leitura e saber ou a literatura juvenil entre ciência e ficção”. In: EVANGELISTA, A. A. Martins; BRANDÃO, H. M. Brina; MACHADO, M.Z. Versiani (orgs.). **A escolarização da leitura literária: o jogo do livro infantil e juvenil**. Belo Horizonte: Ceale/Autêntica, 2006.

\_\_\_\_\_. “Os futuros professores e a leitura”. In: BATISTA, A. A. Gomes; GALVÃO, A. M. de Oliveira (orgs.). **Leitura: práticas, impressos, letramentos**. Belo Horizonte: Ceale/Autêntica, 2005.

CHARTIER, Roger. **Subsídios para a mídia: conversa com Roger Chartier**. Disponível em: <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod=304DAC002>. Acesso em: 6 de abril de 2007.

\_\_\_\_\_. “A nova história cultural existe?”. **Cultura. Revista de História e Teoria das Idéias**, vol. 1, n. XVIII, II Série, 2004.

\_\_\_\_\_. “Leituras ‘populares’”. In: **Formas e sentido – cultura escrita: entre distinção e apropriação**. Campinas: Mercado de Letras, 2003.

\_\_\_\_\_. **Os desafios da escrita**. São Paulo: UNESP, 2002.

\_\_\_\_\_. **Cultura escrita, literatura e história**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

\_\_\_\_\_. “Educação e história rompendo fronteiras” (entrevista). **Presença pedagógica**, vol. 6. jan./fev., 2000.

\_\_\_\_\_. **A ordem dos livros**. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1999a.

\_\_\_\_\_. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: UNESP, 1999b.

\_\_\_\_\_. **A história cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; Lisboa: Difel, 1988.

\_\_\_\_\_; ARIÈS, Philippe (orgs.). **História da vida privada: da Renascença ao Século das Luzes**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, v. 3.

COHN, Clarice. “A criança, o aprendizado e a socialização na antropologia”. In: LOPES DA SILVA, Aracy; MACEDO, Ana Vera da Silva Lopes e NUNES, Ângela (orgs.). **Crianças indígenas: ensaios antropológicos**. São Paulo: Global/Fapesp, 2002.

CORRÊA, Hércules Tolêdo; RIBEIRO, Geórgia, R. de Oliveira. Relações entre o letramento literário e a formação do escritor em *A menina do sobrado*, de Cyro dos Anjos. In: PAIVA, Aparecida; MARTINS, Aracy; PAULINO, Graça; VERSIANI, Zélia (orgs.). **Democratizando a leitura: pesquisas e práticas**. Coleção Literatura e Educação, número 5. Belo Horizonte: Ceale/Autêntica, 2004.

DAUSTER, Tania. “Entre a antropologia e a educação: a produção de um diálogo imprescindível e de um conhecimento híbrido.” **Revista de antropologia**. Rio de Janeiro: UFSC, no prelo.

\_\_\_\_\_. Relatório final da pesquisa “A invenção do leitor acadêmico: universitários, leitura e diferenças culturais”. Programa de Pós-graduação em Educação, PUC-Rio, CNPq. 2004.

\_\_\_\_\_. “Uma revolução silenciosa: notas sobre o ingresso de setores de baixa renda na universidade”. In: **Avã - Revista de Antropologia**. Argentina, dezembro de 2004.

\_\_\_\_\_. “A invenção do leitor acadêmico: quando leitura é estudo”. **Leitura: Teoria e Prática**. São Paulo: setembro de 2003, número 41.

\_\_\_\_\_. “Os universitários: modos de vida, práticas leitoras e memória”. **Teias**, ano 2, número 4. Rio de Janeiro: UERJ, 2001, p. 105-107.

\_\_\_\_\_. “Espaços de sociabilidade: ouvindo escritores e editores sobre a formação do leitor e políticas públicas de leitura no final do século XX”. In: PRADO, Jason; CONDINI, Paulo (orgs.). **A formação do leitor: pontos de vista**. Rio de Janeiro: Argus, 1999.

\_\_\_\_\_. “Navegando contra a corrente? O educador, o antropólogo e o relativismo”. In: BRANDÃO, Zaia. **A crise dos paradigmas e a educação**. São Paulo: Cortez, 1994a.

\_\_\_\_\_. “Nasce um leitor: da leitura escolar à ‘leitura’ do contexto”. In: DAUSTER, Tania, OLINTO, Heidrun K.; VAZ, Paulo Bernardo. **Leitura e leitores**. Rio de Janeiro: FBN/ Proler, 1994b.

\_\_\_\_\_. “Espaço teórico”. In: FILHO, Francisco Gregório (org.). **Ler: leitura, saber e cidadania**. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional/ Proler; Centro Cultural Banco do Brasil, 1994c.

DAUSTER, Tania (org.). **Antropologia e educação**. Rio de Janeiro: Forma & Ação, 2007.

DAUSTER, Tania; FERREIRA, Lucelena; TIBAU, Anderson. “A descoberta de si: práticas de leitura e escrita de universitárias na sociedade da informação”. **Revista Espaço (INES)**, número 29, jan/jul 2009.

DAUSTER, Tania; TIBAU, Anderson; FERREIRA, Lucelena. Notícias da sala de aula: representações de leitura e escrita, mediação pedagógica e sociedade da informação. **Revista Educação on Line** (PUC-Rio/ Depto. Educação), v. 3, p. 1-17, 2008.

DAYRELL, Juarez. “A escola como espaço sócio-cultural”. In: DAYRELL, Juarez (org). **Múltiplos olhares sobre educação e cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1996.

ECO, Umberto. **Obra aberta**. São Paulo: Perspectiva, 1991.

EVANGELISTA, Aracy Martins. **Algumas reflexões sobre a relação literatura/escola**. 24ª Reunião Anual da ANPED, Caxambu, 2001. Trabalho apresentado no GT: Alfabetização, Leitura e Escrita. Disponível em: [www.anped.org.br](http://www.anped.org.br). Acesso em: 10 de outubro de 2008.

\_\_\_\_\_; BRANDÃO, H. M. Brina; MACHADO, M.Z. Versiani (orgs.). **A escolarização da leitura literária - o jogo do livro infantil e juvenil**. Coleção Literatura e Educação, número 2. Belo Horizonte: Ceale/Autêntica, 2006.

FERREIRA, Lucelena. **A sedução despedaçada: por uma nova prática de ensino da Literatura**. Tese de doutoramento (Doutorado em Letras). PUC-Rio, 2001.

FREINET, Célestin. **Pedagogia do bom senso**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez, 1995.

FREITAS, Maria Teresa de Assunção (Org.). **Narrativas de professoras: leitura e escrita numa perspectiva sociohistórica**. Rio de Janeiro: Ravil, 2008.

\_\_\_\_\_. “Leitura, escrita e literatura em tempos de Internet”. In: PAIVA, Aparecida; MARTINS, Aracy; PAULINO, Graça; VERSIANI, Zélia (orgs.). **Literatura e letramento: espaços, suportes e interfaces - o jogo do livro**. Coleção Literatura e Educação, número 4. Belo Horizonte: Ceale/Autêntica, 2003.

\_\_\_\_\_. “Conhecendo novas práticas de leitura e escrita”. In: PAIVA, Aparecida; MARTINS, Aracy; PAULINO, Graça; VERSIANI, Zélia (orgs.). **No fim do século: a diversidade - o jogo do livro infantil e juvenil**. Coleção Literatura e Educação, número 3. Belo Horizonte: Ceale/Autêntica, 2000.

GEERTZ, Clifford. “Os usos da diversidade”. In: **Nova luz sobre a antropologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

\_\_\_\_\_. “Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura”. In: **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GERALDI, João Wanderley Geraldi (org.). **O texto na sala de aula**. São Paulo: Ática, 2004.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. Rio de Janeiro: Record, 2004.

JOHNSON, Allan G.. **Dicionário de Sociologia**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997

KRAMER, Sonia; OSWALD, M. Luiza (orgs.). **Didática da linguagem: ensinar a ensinar ou ler e escrever?** Campinas: Papyrus, 2001.

KRAMER, Sonia. “Práticas de leitura e escrita na escola: contribuições de Roger Chartier”. **Leitura: Teoria e Prática**, número 46. Campinas: ALB; São Paulo: Global Editora, 2006.

\_\_\_\_\_. **Alfabetização, leitura e escrita**: formação de professores em curso. São Paulo: Ática, 2004.

\_\_\_\_\_. **Por entre as pedras**: arma e sonho na escola. São Paulo: Ática, 2003.

\_\_\_\_\_. “Leitura e escrita como experiência – notas sobre seu papel na formação”. In: ZACCUR, E. (org.). **A magia da linguagem**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura de mundo**. São Paulo: Ática, 2000.

LEITE, Lígia Chiappini M.. **Invasão da Catedral**: Literatura e ensino em debate. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.

LOUREIRO, Ana Maria Bastos. **Professor**: identidade mediadora. São Paulo, Loyola, 2004.

LUFT, Celso Pedro. **Língua e liberdade**. São Paulo: Ática, 2005.

MARTINS, Aracy Alves. **A leitura literária nos livros didáticos**. In: <http://www.tvebrasil.com.br/SALTO/boletins2002/mp/tetxt5.htm>. Acesso: abril de 2009.

\_\_\_\_\_; MACHADO, Maria Zélia Versiani; ALVAREZ, Rodrigo Machado. A páginas tantas: a tela e o livro na formação de leitores. **Anais do 7º Encontro de Extensão da UFMG**. Belo Horizonte: 2004.

NOVAES, Regina. “Os jovens de hoje: contextos, diferenças e trajetórias”. In: ALMEIDA, Maria I. Mendes de; EUGENIO, Fernanda (orgs.). **Culturas Jovens**: novos mapas do afeto. Rio de Janeiro, Zahar, 2006.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. “O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever”. In: **O trabalho do antropólogo**. UNESP, Paralelo 15. São Paulo: 1998.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA. **Orientações Curriculares para o Ensino Médio**. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book\\_volume\\_01\\_Internet.pdf](http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book_volume_01_Internet.pdf). Acesso em: 15 de agosto de 2008.

PAIVA, Aparecida; MARTINS, Aracy; PAULINO, Graça; VERSIANI, Zélia (orgs.). **Leituras literárias**: discursos transitivos. Coleção Literatura e Educação, número 6. Belo Horizonte: Ceale/Autêntica, 2005.

PAIVA, Aparecida; MARTINS, Aracy; PAULINO, Graça; VERSIANI, Zélia (orgs.). **Democratizando a leitura**: pesquisas e práticas. Coleção Literatura e Educação, número 5. Belo Horizonte: Ceale/Autêntica, 2004.

PAIVA, Aparecida; MARTINS, Aracy; PAULINO, Graça; VERSIANI, Zélia (orgs.). **Literatura e letramento: espaços, suportes e interfaces - o jogo do livro.** Coleção Literatura e Educação, número 4. Belo Horizonte: Ceale/Autêntica, 2003.

PAIVA, Aparecida; MARTINS, Aracy; PAULINO, Graça; VERSIANI, Zélia (orgs.). **No fim do século: a diversidade - o jogo do livro infantil e juvenil.** Coleção Literatura e Educação, número 3. Belo Horizonte: Ceale/Autêntica, 2000.

PAULINO, Graça. Formação de leitores: a questão dos cânones literários. **Revista Portuguesa de Educação**, vol. 17, n.1. Braga: Universidade do Minho, 2004.

\_\_\_\_\_. Letramento literário: por vielas e alamedas. **Revista da FACED**, n.5. Salvador: UFBA, 2001.

PAVÃO, Andréa. “Do leitor imaginário a imagens de leitores em uma universidade carioca”. Relatório final da pesquisa intitulada “A invenção do leitor acadêmico: universitários, leitura e diferenças culturais”. PUC-Rio, 2004.

\_\_\_\_\_. **Inclusão e exclusão das camadas populares na universidade: o papel da leitura e da escrita.** Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2004. Tese de doutoramento.

PENNAC, Daniel. **Como um romance.** Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

PERINI, Mário A. **Para uma nova gramática do português.** São Paulo: Ática, 2004.

\_\_\_\_\_. **Gramática descritiva do português.** São Paulo: Ática, 2005.

POSSENTI, Sírio. **Por que (não) ensinar gramática na escola.** Campinas: Mercado de Letras; ALB, 1996.

ROCHA LIMA, Carlos H. da. **Gramática normativa da língua portuguesa.** Rio de Janeiro: José Olympio, 1996.

SILVA, Kátia Araújo da. **Conhecendo jovens leitores: um estudo etnográfico.** Rio de Janeiro: PUC-Rio, 1997. Dissertação de mestrado.

SIMMEL, Georg. “A natureza sociológica do conflito”. In: FILHO, Evaristo de Moraes (org.). **Georg Simmel: sociologia.** São Paulo: Ática, 1983a.

\_\_\_\_\_. “Sociabilidade – um exemplo de sociologia pura ou formal”. In: FILHO, Evaristo de Moraes (org.). **Georg Simmel: sociologia.** São Paulo: Ática, 1983b.

SOARES, Magda. “A escolarização da literatura infantil e juvenil”. In: EVANGELISTA, A. A. Martins; BRANDÃO, H. M. Brina; MACHADO, M.Z. Versiani (orgs.). **A escolarização da leitura literária: o jogo do livro infantil e juvenil.** Belo Horizonte: Ceale/Autêntica, 2006.

\_\_\_\_\_. **Letramento: um tema em três gêneros.** Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

\_\_\_\_\_. **Alfabetização e letramento**. São Paulo: Contexto, 2003.

\_\_\_\_\_. **Linguagem e escola: uma perspectiva social**. São Paulo: Ática, 2002a.

\_\_\_\_\_. Novas práticas de leitura e escrita – letramento na cibercultura. **Educação e Sociedade**, Vol. 23, nº 81. Campinas: 2002b. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>.

\_\_\_\_\_. “As condições sociais da leitura: uma reflexão em contraponto”. In: **Leituras** – perspectivas interdisciplinares. ZILBERMAN, R.; SILVA, Ezequiel Theodoro da (orgs). São Paulo: Ática, 1995.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2007.

VELHO, Gilberto. “Juventudes, projetos e trajetórias na sociedade contemporânea”. In: ALMEIDA, Maria I. Mendes de; EUGENIO, Fernanda (orgs.). **Culturas Jovens: novos mapas do afeto**. Rio de Janeiro, Zahar, 2006.

\_\_\_\_\_. “Observando o familiar”. In: **Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2004.

\_\_\_\_\_. “Unidade e fragmentação em sociedades complexas”. In: \_\_\_\_\_. **Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003a.

\_\_\_\_\_. “O desafio da proximidade”. In: VELHO, Gilberto; KUSCHNIR, Karina (orgs.). **Pesquisas urbanas: desafios do trabalho antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003b.

\_\_\_\_\_. **Desvio e divergência: uma crítica da patologia social**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003c.

\_\_\_\_\_. “Entrevista com Gilberto Velho”. **Estudos Históricos**, n. 28. Rio de Janeiro, 2001a.

\_\_\_\_\_; KUSCHNIR, Karina (orgs). **Mediação, cultura e política**. Rio de Janeiro, Aeroplano, 2001b.

WALTY, Ivete Lara Camargos. “Literatura e escola: anti-lições”. In: WALTY, I.; BRANDÃO, H. M. Brina; MACHADO, M.Z. Versiani (orgs.). **A escolarização da leitura literária - o jogo do livro infantil e juvenil**. Coleção Literatura e Educação, número 2. Belo Horizonte: Ceale/Autêntica, 2006.

YUNES, Eliana. “Literatura e educação: a formação do sujeito”. In: KHÉDE, Sonia (org.). **Contrapontos da Literatura**. Petrópolis: Vozes, 1984.

## 7

### Anexos

#### Anexo 1.

##### Entrevista com a professora Luana realizada em novembro de 2007

###### **Quando foi construído isso aqui não devia ter esse barulho não, né?**

Não, o trânsito era diferente. Eu, quando comecei a trabalhar aqui, em noventa e seis, aquelas salas lá, então, eram super silenciosas porque quase não passava carro ali por baixo...

###### **Foi quando? Foi quando fizeram mudança no trânsito?**

É... [citou nome de avenida próxima], quer dizer, primeiro que tem um trânsito...

###### **Quando foi isso?**

Ah, agora não me lembro. Mas já deve ter... 2000. Ou 2000 ou 2001, porque minha voz está progressivamente piorada a partir daí.

###### **Mas, vamos lá!**

Mas, a estagiária me disse uma coisa que me deixou muito preocupada. Que ela chegou atrasada, e veio andando pela rua [disse o nome da rua onde se localiza a escola]. Geralmente o marido a deixava no estacionamento. E aí, ela falou assim: 'Luana, eu ouviu a sua voz lá de baixo nitidamente!'. Aí eu falei por que...

###### **Caramba...**

Aí, você vê que é um absurdo. Como você tem... é uma barulheira total, eu projetava muito mais do que seria necessário.

**É... primeiro eu nem sei como te agradecer, né? Você e os alunos me receberam muito bem. Fiquei tão grata a eles e a você também, porque....**

Eles são muito acolhedores. Eu tenho a consciência que eu sou um funcionário público. Eu acredito mesmo que a instituição... que tem que haver escola pública até para propiciar isso. Porque numa escola particular, esse tipo de pesquisa, estágio, mais aberto, né? Porque na escola particular, elas têm o direito, né? De impor o caminho, as regras...

**Para mim, tem sido uma experiência muito bacana.**

Não tem o que agradecer, não. E, para eles, é enriquecedor, muito, também. Eu aceito não só porque eu seja boazinha, nem só por essa convicção. Eles aprendem muito. Esse ano, essas turmas que eram consideradas... de um a quatro eram consideradas turmas ruins do terceiro ano, porque vieram acumulando fracassos, dependências... Da cinco a oito foram agrupados alunos que não tinham uma dependência, que tinham notas, quer dizer, que estavam num caminhar mais tranquilo. Eu até pedi para ficar mesmo, quer dizer, não que eu quisesse me odiar, nem nada disso, mas tem um professor do terceiro ano que eu tinha muito medo que ele ficasse, porque aí ele ia reprovar todo mundo. E eu acho que os alunos também não merecem, É uma decisão da escola, não há muito critério, enfim...

**Sua formação... Você me falou que fez mestrado lá na PUC?**

É. Mas, eu não fiz a dissertação não. Para o desespero do [nome do orientador].

**Olha, logo de quem!**

P: Meu mestre... adoro. Ele superou essa parte. Eu fiz o curso todo e a [nome da coordenadora], que era coordenadora na época disse: 'Poderia imaginar que qualquer um não ia fazer... não ia concluir, mas você não'. Eu passei por uns problemas, depois não queria vida acadêmica, entendeu? Eu nunca tive intenção de trabalhar em universidade. Não tenho.

**E você já dava aula nessa época?**

P: Já, já dava aula. Quando eu comecei o mestrado, eu dava aula na Aliança Francesa, de Francês e... Mas, eu fiz um concurso, então, em 82. Eu comecei o mestrado em 81. E aí, fui chamada para esse concurso, quer dizer, aí, no mestrado já tava dando aulas de Literatura, de Português e Literatura.

**E esse concurso era de quem?**

P: Era do estado. Esse... um deles, que eu estou aqui desde essa época, né? Vinte e tantos anos. E fui trabalhar lá em Deodoro da Fonseca, que era o único lugar que tinha de manhã. Pegava trem... Morando em [citou um bairro nobre da zona sul carioca]! Mas era um grupo muito bom. Não sei se você conhece [citou o nome], uma poetisa, filósofa, ela era também do mestrado e trabalhou comigo lá, também...

**Até hoje você mora aqui pertinho?**

P: Moro. Agora ficou bom. Agora está calmo.

**Como você se classifica em termos de classe social?**

P: Ah, eu sou classe média média, né?

**Média média.**

Várias médias... (risos) Agora ficou tudo na classe média, não é?

**Como é que você se tornou professora de literatura? Como é que foi essa decisão?**

Peraí... Ricardo!!!! [Interrompeu a entrevista por alguns minutos para falar com um aluno.]

**Como é que você se tornou professora de Literatura? Como é que foi essa decisão?**

P: Ah, eu fui fazer Letras porque eu adorava ler. Eu sempre gostei muito de ler. E... quer dizer, na minha família, a leitura... Meu pai embora fosse veterinário e minha mãe só fez o ginásio na época, que também é uma outra história, que ela fez o ginásio no colégio Estadual, que ela foi aluna de canto do Villa-Lobos, então era outra época mesmo. É...

**Mas eles gostavam de ler?**

P: Aí, eles liam. A minha história familiar... Eu tinha uma coleção de contos de Grimm. Bem machista, meu pai deu a coleção do Monteiro Lobato para os meus dois irmãos homens e os contos de Grimm... Mas era leitura. A gente tinha muito

livro. Sempre teve acesso, meu pai era fissurado em dicionário. Eu herdei Caldas Aulete... Quer dizer, vivíamos em um ambiente letrado. Eu acho que isso influi. E estudei num colégio de freira que preparava... O lema era “Entra burra e sai madame”. Quer dizer, eu aprendi a bordar, pintar em porcelana e línguas. A gente aprendia inglês desde o pré-primário. E depois francês, que era um convênio com a Aliança Francesa. Aí eu fui, quer dizer, para mim era muito... E... E... Por exemplo, mesmo inglês na escola, a gente leu a formação da literatura na Inglaterra. Umas coisas malucas assim, entendeu? Quer dizer, pensando em nível de... de científico, eu sou jurássica, porque agora eles não conseguem nem fazer a formação da literatura no Brasil no ensino médio, né?

**Aqui nesta escola, qual o nome oficial da disciplina ou das disciplinas que você dá?**

P: Ah... Língua Portuguesa. Era... quando eu cheguei... Ainda quando eu cheguei era Língua Portuguesa e Literatura Brasileira. Mas, essa escola foi pioneira em termos de estado, de escola pública, em dar essa disciplina sempre para o mesmo professor. Que há escolas que dividem Literatura para um professor e Língua Portuguesa para outro. E a gente diz sempre que até a lei agora prevê isso: literatura é uma forma de leitura, e quem tem que trabalhar com isso... Isso tem que ser trabalhado desde o Ensino Fundamental, né? Textos literários, mas não com tanta ênfase aos estilos, periodização, especialmente na Educação Básica. Então, já era um pouco... A gente sempre tentou, sempre houve pesquisa... E há resistência de escapular um pouco do Barroco, Arcadismo, desse caminhar histórico. E ler textos... Conhecer os mecanismos de textos literários, né?

**Você diz não só você, mas outros professores daqui também?**

P: Não. Era um grupo de professores que havia, alguns já se aposentaram, quer dizer, essa era uma diretriz. Sempre houve os dissidentes, até hoje tem isso. À noite é muito mais nítido, porque as pessoas mantêm aquilo e o que é mais absurdo ainda porque os alunos têm muita dificuldade de leitura, muitos ficaram muitos anos sem estudar, outros têm supletivo, assim... então, enfim! Mas, eu não faço uma política...

**À noite também tem um grupo?**

P: Não. À noite eu trabalho isoladamente. Porque eu já trabalhei muito, então... Aliás eu comecei minha vida na formação de professores. Eu trabalhava num colégio Inácio Azevedo de Amaral, aqui no Jardim Botânico. Dois anos depois que eu passei para lá, eu vim trabalhar no Jardim Botânico formando professores, e na segunda matrícula eu entrei direto no Carmela Dutra, lá em Madureira. Então, eu já fiz muita política para modificar a didática da Língua Portuguesa. Já me expus muito, já lutei muito... Quando eu era jovem, isso era bom, hoje em dia eu vou, eu procuro, quer dizer, as parcerias aparecem e a gente vai usando, mas eu não vou brigar mais sobre isso, né?

**E essa idéia de chamar só Língua Portuguesa também é no primeiro ano e no segundo ano?**

Língua Portuguesa é geral, a matéria é essa na escola como um todo. Até porque a Literatura é uma disciplina a mais, então, a matéria é Língua Portuguesa.

**Quantos tempos eles têm com você?**

Seis tempos. Seis tempos semanais.

**E como é que você divide esse tempo?**

Aí não é uma decisão da escola, não. É a grade curricular, agora eles não dizem... É a matriz horária que vem da Secretaria de Estado de Educação. Tanto o nome da disciplina Língua Portuguesa quanto a carga horária.

**Esse nome foi mudado nessa época?**

É. Em função da nova LDB, dos parâmetros curriculares e tal. Mas, quer dizer o nome, oficialmente, é esse. Mas, muita gente dá literatura aí dentro, quer dizer, eu também acho que eu dou literatura, mas não aquela visão. Até porque muitos professores pedem livro didático. O livro didático pede aquela periodização...

**Você não?**

Eu uso livro didático...

**Usa, mas não segue a exatamente a ordem?**

Não.

**Você tem alguma organização interna para a divisão desses seis tempos entre português e literatura, tipo fixa?**

Olha, no início desse ano o que eu pretendia foi o seguinte: dois tempos semanais eram de utilização do livro. Então, exercícios mais gramaticais ou de reconhecimento de gêneros textuais, que era o que havia de melhor no livro que foi adotado.

**No livro didático?**

O livro didático distribuído pelo Governo Federal no Programa Nacional do Livro Didático. Então, a parte de Literatura é muito ruim nesse livro, que foi escolhido pelos professores da escola, tá? Não é um livro imposto pela... Nós recebemos esse livro... Porque foi também o que a maioria... Nós poderíamos ter escolhido um e ganhar outro. Porque esse programa funciona da seguinte forma: para baratear o custo, eles vão... os professores escolhem, aquele que houve maior escolha é o que é comprado. Mas por acaso nessa escola, foi o livro decidido pela equipe daqui de Português toda! De manhã, de tarde e de noite.

**E é o livro que você também escolheria?**

Não, eu não escolheria esse livro. Eu não sei como. Escolhem levemente. Eu não participei dessa escolha, porque foi num período que eu tava corrigindo vestibular, não sei quê... Eu não tinha como vir às reuniões e disse que aceitaria a escolha dos colegas. Mesmo que eu tivesse vindo, nessa situação que eu tô de me proteger, eu não ia peitar não. Agora, para a noite, nitidamente o livro é muito ruim, porque o que tem de texto ali, são textos... Pouquíssimos eu pude ler à noite. A parte que está na Literatura, eu lia aleatoriamente. Um poema do Álvares de Azevedo aqui e tal. Porque eles têm que saber ler também...

**Porque é ruim a parte de Literatura?**

Eu tenho uma visão... Há muito tempo atrás, quando eu fiz o literário na Aliança Francesa, a gente trabalhava por temas e era muito interessante. Embora a gente tivesse aquele livro *Lagarde et Michard* que é o mais tradicional de todos, que vem Idade Média, século XVI, século XVII, você vai vendo a cronologia, a cada semestre, eu trabalhava um tema. O riso, aí você trabalhava textos atuais também,

ou, sei lá... A morte... São temas que eu tô me lembrando agora... São mais de trinta anos que eu estudei... E aquilo sempre me encantou, porque aí você está puxando, atraindo... Agora, começando a ler com os meninos que não sabem nada, tão entrando na primeira série, não sabem nada sobre mecanismos de leitura de um texto literário, que tem um vocabulário reduzido e tal, começar pelo Barroco... É uma maldade com Gregório de Mattos e qualquer um... Com eles...

### **Com os alunos?**

Não, com eles próprios. Mas eu também acho. Porque aí você afasta definitivamente da literatura os alunos. Então, por isso que eu acho ruim... E os textos que foram escolhidos também... Há textos que seriam mais, é... tocantes.

### **Aí, você pega dois tempos para esse livro, e os outros quatro...**

Os outros quatro, eu procuro trabalhar produção de texto, dividir um pouco entre produção de texto e leitura de texto. Quer dizer, no livro, eu trabalho mais uma gramática da frase, que é como vem organizado ali, né? De palavras, frases... Nessa parte da leitura de texto, eu procuro trabalhar uma gramática mais textual, né? Onde eles possam ver a relação, ou, ou, ou dentro da estrutura de um texto mesmo, o que se repete, como é que... Enfim, esse tipo de coisa. Reconhecer... Mas é difícil, né? Consigo pequenos avanços apenas.

### **Hoje em dia você trabalha em outra escola também?**

Não, eu só dou aula aqui, tenho um outro tipo de trabalho que é mais direcionado para Política Pública de Educação.

### **E você...**

E não tem a ver com literatura, teria mais a ver com pedagogia, embora eu nunca tenha feito isso...

### **Você se considera uma leitora?**

Eu sou leitora.

### **Que tipo de texto você costuma ler, assim?**

P: Ah, eu sou uma leitora eclética e às vezes ironizada ... Por exemplo, eu li Dan Brown, meus filhos estavam animados, eu li *Código Da Vinci*, *Anjos e Demônios*, num sei quê. É... Li *Réu!* [Risos dela.] Por acaso saiu uma discussão enorme, aí uma prima minha me deu em francês. ‘Ah, você precisa ler francês’, entendeu? Porque a minha filha tinha lido... Eu tô falando de umas coisas que eu... ‘Ah, professor de literatura...’. Eu leio, eu quero saber. Eu não tenho esse preconceito, não.

### **Tem a ver com o trabalho com o público jovem?**

Pois é, eu quero pensar a maneira de ver que eles estão tendo agora, e uma coisa um pouco fora daqui também. Eu li... Eu leio... Eu só pude ir à primeira Flip, por questões mesmo familiares e tal, e aí, eu fiquei encantada com Ferrez. E comprei *Capão Pecado*. Na mesma feira, eu comprei *Capão Pecado* e *Equador*, entendeu? Eu não tenho muito parâmetro, não. ... Festa, né? Festa literária.

### **O que é leitura para você?**

Olha, leitura é diálogo. Quer dizer, para mim, isso eu tenho... Na minha casa, os três se tornaram leitores e de leituras muito diversificadas, que eu tenho um irmão que fez Agronomia e o que ele lê é *best seller*. Mas eu também não tenho preconceito com isso, porque eu acho que muito cedo a gente entendeu que aquilo ali era alguma coisa para você trocar, você viajar, né? Não nesse sentido de ‘ah, você viaja...’, não é essa bobeira assim não, mas é uma viagem, às vezes muito dentro de você mesmo, mas com a parceria de alguém... Eu acho que é isso.

### **E o que é literatura para você? O que você entende por literatura?**

A literatura é arte, né? E o que é arte para mim? A arte é um mais, é um mais... A definição que eu acho interessante é que na literatura a forma e o conteúdo estão meio assim... Nem sempre o que está no livro didático como literatura, por exemplo, eu considero uma boa literatura, alguns consagrados aí, porque é tão plastificado... não sei... pausterizado. Mas a literatura para mim é isso, esse casamento muito próximo do *como* você diz e *o que* que você está dizendo, e não imbecilizar o leitor.

**Ou seja, autores que não são os clássicos consagrados também podem ser considerados...**

É, eu acho. Por isso que eu falei do Ferrez, que é um *rapper* que está aí, que está sendo muito questionado, né e tal? Até porque o texto dele tem muito palavrão e tudo. Mas, eu não... Era impossível ele escrever sobre *Capão Pecado* um texto da Academia Brasileira de Letras, né, o vocabulário.

**E, na sua opinião, assim, qual o significado de um curso de literatura, de se ensinar literatura hoje, na escola de hoje, no contexto dessa sociedade de informação, com internet, com DVD, com tantos outros apelos e tecnologias...**

Olha, eu tenho um episódio da minha vida que eu vou contar para você, mas não queria que você gravasse isso não...

**Tá.** [Risos]

PAUSA – gravador desligado.

CONTINUAÇÃO:

Aí é uma opção que não me satisfaz muito não, tem a ver um pouco com o programa da terceira série. Na terceira série, eu uso mais jornal do que à noite na primeira série. Porque na terceira série a gente está focado na produção escrita de textos dissertativos, de artigo... opinião, né? Argumentativos. E aí o jornal é que... eu acho que para pegar isso, onde circula mais é no jornal. Aí, esse é o motivo. À noite, na primeira série, eu trabalho um pouco mais com crônicas, outros tipos de texto porque já é uma produção de texto narrativo, focar mais nos elementos... entendeu? Tem um pouco a ver com o programa.

**Que significado você acha que os alunos dão para o Curso de Literatura hoje na escola?**

Nenhum significado porque a escola é um reduto de preconceitos. Assim como eles acham que arte não é importante e muitas vezes vão sair daqui, que a gente tem excelentes professores de arte também, e o que vão lembrar dessa escola é o que eles produziram, não sei se você reparou no que eles tem feito aí, né? Com CD, com não sei o quê, quer dizer, cartazes... Então, é... Talvez o que eles levem daqui mais seja isso. Mas arte é menor porque... acho que a sociedade vê assim.

Minha filha... eu tive uma discussão séria com ela. É uma excelente estudante, foi e tal... Dizendo: ‘A arte, você vê, que não tem no vestibular, por exemplo’. Aí eu falei: ‘Mas, vestibular que é pervertido, não é?’. Entendeu? E literatura seria algo assim também.

**Como é que você classificaria seus alunos dessa turma que eu acompanhei?**

Eu achei uma lástima eles terem sido reunidos por esse sistema de exclusão, porque aí o grupo reduziu muito. Houve trinta por cento de evasão, é muito alto o índice... E eu acho que isso também... Porque aquela turma teve muita dificuldade de constituir um grupo, mais ou menos agora no finalzinho ainda dá para perceber algo, mas eram núcleos antagônicos, que foram, eles vieram de várias turmas e não localizavam seus pares, e tal, então havia, sempre há um pouco de rivalidade, isso prejudicou muito. Agora, eu acho que eles são jovens, né? Jovens, dispersivos, e resolvi, no final, pegar essa parte mais de fazer mural e tal... porque eles estavam mais a fim de fazer do que de ler, sabe?

**E, assim, dentro deste contexto de alunos, o que você acha que pode interessar a eles no campo da literatura? Como é que você faz essa seleção do que ensinar, do que trazer para a sala?**

O que eu li com eles, por exemplo, todo ano eu leio Machado de Assis, leio alguns... A gente tem uma coletânea de contos de Machado e esse ano até ficou prejudicado, porque eu sempre começo lendo aquele conto ‘Pai contra mãe’, que eles gostam muito, porque eles não têm essa idéia de que... alguém escrevesse literatura, especialmente Machado de Assis, que é um monstro. E que se eles leram alguma coisa, é um pedaço - é um monstro, a escola cria essas situações... -, mas eu leio com eles em sala, entendeu? Leio o livro... como a gente tem quarenta livros, eu distribuo um para cada um e a gente vai lendo. Eu peço: ‘Leiam os próximos três parágrafos, o que que está acontecendo e tal...’ Enfim, pra poderem... E esse, esse texto é muito bom, eu acho, porque o Machado de Assis teve aquela coisa didática de formar os seus leitores, né? Como agora os jornais fazem... Mas ele sozinho ia... E ali é muito interessante, que todo aquele intróito é para fazer nossa cabeça, e isso eles conseguem perceber, para fazer a cabeça do leitor que era contemporâneo dele que era uma desumanidade o que era feito com os escravos... Que eu acho que a maioria daquelas leitoras tinham sido

criadas achando que escravo era besta mesmo, aquilo era o normal... Então, eu gosto porque... Eu trabalho com eles essa coisa narrativa, mas toda uma argumentação que tá ali... Por trás. Aí eles ficam interessados de ler outros contos. Aí daí, a gente pode passar para ‘Noite de almirante’, para... enfim, para os outros aí que são clássicos... Acho que a gente leu ‘Noite de Almirante’, também. Foi o outro. Mas eu gostaria ter lido ‘Cartomante’, outros mais sofisticados, que eu acho, né? Para eles lerem mais sozinhos também... Não cheguei lá, não.

### **E na poesia, como é que você escolhe o que vai trabalhar com eles?**

Na poesia, é muito temático. Eu trabalho muito com termos de coletânea... Então, a gente fez alguma... Eu e Flávia sempre pensamos, a gente troca muito, a gente faz uma parceria muito boa.

### **Flávia é outra professora?**

É outra professora da terceira série. Flávia. E aí... É... Há quatro anos a gente trabalha em parceria direto. Vamos dizer, o tema *preconceito*, que a gente queria abordar e acabou não dando tempo também, né? Especificamente, eu acho que isso foi abordado ao longo do ano todo, né? Mas não como um tema explicitado. Aí a gente vai procurar uma poesia, pode ser lá na... pode ser no Barroco, no Gregório de Mattos, que já coloca o estudo... entendeu? Tem desigualdade social, vamos dizer assim... Aí pega alguma coisa...

### **Aí, por tema, pode pegar todas as épocas...**

É um pouquinho como eu aprendi lá na Aliança, que me encantava tanto, diferente da escola, né?

### **E eu reparei que os temas que vocês pegam tem a ver com a realidade deles.**

A gente procura fazer isso, porque embora eles tenham que sair dessa realidade... é difícil você atraí-los para uma coisa que esteja completamente distanciada e aí, quer dizer, a gente... é um pouco Paulo Freire, né? Você parte de onde ele tá, e mostra algo novo. O algo novo é essa poesia de trezentos anos atrás ou algum pedacinho de um texto grego lá, que aí eles ficam abobalhados de pensar...

**Você vê alguma diferença dos homens e das mulheres, de homens e mulheres na relação com seu curso, ou não?**

Olha, sim. No começo... até porque, também... não me lembro se esse ano a gente fez, mas a gente trabalha com a produção de poemas, eles produzem poemas. E os jovens, rapazes acham que é coisa de boiola. Mas eu jogo isso claramente com eles, eu falo: ‘Olha, poesia não é coisa de boiola, não, não tem nada a ver, isso é besteirada... imagina...nem balé é, nem nada disso... A gente tem que avançar, estamos no século XXI, não sei quê...’ E o que eu acho interessante é que, se por um lado, a objetividade que é mais característica - pelo menos o que eu tenho lido ultimamente diz que o cérebro masculino é mais diretivo, mais objetivo -, se prejudica um pouco para perceber nuances, por outro lado, eles leem mais o que tá escrito ali. As meninas projetam suas carências, suas coisas, entendeu?

**A relação é diferente, então...**

É, eu acho. Com os textos... Com poema de amor, então, elas jogam... Vem o oposto para ali.... O cara pode ter sido abandonado ou a mulher, sei lá, e elas estão vendo que está tudo bem. Enfim... E os meninos já leem mais o que está.

**Que objetivos você quer atingir com esse curso em relação a eles? O que você quer deixar como legado?**

Ah, eu queria que alguns passassem a ler. Pelo menos o jornal, não é? Que se interessassem. Eu acho que a leitura no mundo de hoje é fundamental para qualquer ocupação profissional, entendeu? Que isso é um déficit muito grande que o aluno da escola pública leva. Então... E eu vim aqui sábado que eu tinha um combinado com a diretora. Sábado ocorre uma Escola Aberta...

**É, você me falou...**

Aí eu tinha pensado em passar um filme e tal para eles... Um filme de vinte minutos... Para os alunos que estivessem. Acabou não rolando, porque eles queriam jogar totó, ping-pong, eu achei ótimo! Mas muitos ex-alunos vieram me procurar para falar coisas diferentes e tal. Isso é muito gostoso também, né? Porque fica alguma coisa. E um deles disse assim: ‘Professora, aquela música que a gente trabalhou está na novela agora’. Aí eu disse: ‘Qual música?’. ‘Eu acredito

é na rapaziada...’. Quer dizer, e é um aluno que já saiu daqui há uns quatro anos atrás. Alguma coisa fica, entendeu? Não é só a música que fica, outras leituras, eu acredito. A gente imagina que eles não tem memória... Não. Alguma coisa fica.

**E que estratégias você usa para tentar atingir esse objetivo?**

Ah, eu... Quando eu comecei a dar aulas, eu dizia que se eu tivesse que seduzir alunos eu tava me tornando uma prostituta, que isso era impossível. Agora eu uso tudo eu faço qualquer negócio para tentar dar certo. Não tem assim um... Uma das estratégias é partir de centros de interesses deles, outra estratégia é ser bastante franca com eles. Não tem... é... olhar como eles são, né? Cada vez mais a escola é complicada... Eles estarem aqui... Valorizar porque eles são uma elite... Eu falo isso várias vezes e eles se surpreendem. Eu digo, são uma elite porque estão na faixa... Esses da manhã são uma elite, porque tão faixa etária adequada, cumprindo pro Brasil... Aí eu dou os índices, eles ficam abobalhados. Então, eu digo: ‘Vocês tem que respeitar. É cidadania.’

**É uma outra leitura da realidade deles...**

É. Quer dizer [risos], eu não sei o que eu faço, não...

**Você lê junto muito em sala, também, né?**

Ah, eu leio. Leio com eles direto e... É... Muitas vezes leio o que eles trazem também. Então, por exemplo, esse ano não funcionou muito, porque as salas estão muito barulhentas, nem sempre tinha lá embaixo. Mas ao mesmo tempo que eu trago uma letra de uma música para eles ouvirem e trabalharem, eles definem uma música, pra eu trabalhar, a próxima... Até o ano passado eu fazia isso muito. Eu negociava: ‘duas minhas e uma de vocês’. Aí, com isso, a gente já trabalhou Racionais... não sei o quê. Eu vou me atualizando também. E eles percebem que não é aquilo que... quer dizer, não tem um tipo de música que esteja propício para ser lido na escola. Pode ser um pagode, dependendo do que eles definirem.

**E também é uma aceitação do universo deles, né? E você falou do barulho. O barulho te atrapalha como, como professora?**

Muito. Me dispersa. Primeiro dispersa os próprios jovens. Já dá um clima de loucura total e eu às vezes tô num raciocínio, aí começa ‘uom, uom, uom’, sei lá o

quê. Eu me perco completamente. E eles ficam rindo de mim. Eu sou muito transparente, então eu fico com aquela cara assim de pateta. ‘Ih, viajou!’. Viajei mesmo!

### **Fora o esforço físico, né?**

É, além de cansar muito mais, porque aí você tem que ser mais teatral, tem que tentar costurar isto...

### **E a voz também...**

A voz é terrível... Eu já comecei falando sobre isto...

**Fico solidária... Muito bem, aí você me falou das suas estratégias... Nesse seu percurso de trabalho aí com eles, o que te ajuda e o que te atrapalha, quer dizer, quais são os limites e as possibilidades da sua ação no contexto dessa escola?**

O que me ajuda é essas coletâneas de livros que a gente tem. A gente foi muito enriquecendo. Tem um armário... Se você quiser dar uma olhada hoje quando a gente for embora...

### **Fica lá na biblioteca, não?**

Não, na sala dos professores.

### **Aí tem vários? Tem tipo quarenta livros de cada um?**

Não, a cada ano a gente está comprando uma coleção deles, por exemplo. Aquele do Drummond nem foi comprado, foi doado. São onze livros só, que foram doados de algum projeto que um banco pagou, sobrou na Secretaria de Estado e eles mandaram para cá, porque a gente sempre teve, a gente já teve uma sala de leitura, que era muito legal. Mas a Secretaria mesmo impediu que funcionasse, porque tinha que ter sala de aula para caber mais alunos, entendeu?

### **E na biblioteca não cabe?**

É... A biblioteca não tem pessoal certo. A biblioteca não é... aqui não é um incentivador da leitura nenhum. Eu até incentivo muito mais os alunos a irem nessa que é vizinha, né? Na *Vinicius de Moraes*, que é pública e é boa e tem um

atendimento muito mais eficaz. Agora... É porque esse... Eu acho diferente da biblioteca porque eu pego esses livros e trago e eles percebem que é uma aula e é uma aula de leitura. Tem muitos alunos que chegam ao terceiro ano não entendendo que lendo e comentando algo que leram eles tão trabalhando Língua Portuguesa. Ainda tem uma visão de que Língua Portuguesa é montar um monte de exercício.

### **Aquela gramática tradicional...**

É.

### **E, essa biblioteca... o que que ela oferece como acervo? Ela é boa? Rica?**

Não, é... A biblioteca daqui?

É.

Tem um acervo bom, mas não tem um acesso bom. Quase nunca tem alguém. Eu não sei direito como é, mas os alunos reclamam muito.

### **Eles usam muito a biblioteca?**

Alguns usam para fazer trabalhos para cá, ou porque se interessam, né? Mas eu acho que é uma subutilização muito grande em relação ao acervo que existe na biblioteca. Aí, por isso que a gente opta por usar esses livros, que são poucos. A gente tem uma coletânea de contos de Machado de Assis, aqueles livros de Gilberto Dimenstein, que é como trabalhar jornal, né? A gente já teve uma parceria com a revista Veja, que distribuía vinte revistas a cada semana e a gente trabalhava em sala. Não gerou resultado, eu era a única que trabalhava e ficava implorando que alguém... Isso já tem muitos anos, a Flávia não trabalhava ainda aí. Aí precisava ter um produto para a Veja continuar, ela foi reduzindo, no último ano que ela mandou eram cinco... era impossível. Por isso que a gente optou pelos... por essas coletâneas do Gilberto Dimenstein. Eu tô querendo lembrar... Tem 'O Cortiço', eu não costumo trabalhar... Como a minha idéia é ler com eles, eu não tenho como ler um livro inteiro. É uma opção de uma outra, a [citou o nome de outra professora], ela consegue, ela faz...

### **Mas ela pede para ler para casa?**

Ela negocia com os alunos. Até porque eu acho muito difícil que eles leiam em casa, muitos trabalham. Isso é uma realidade. Muitos não trabalham num lugar específico, mas tem que cozinhar, lavar, tomar conta...

**E aí você falou o que te ajuda: esse acervo. E o que te atrapalha?**

Me atrapalha o giz que eu detesto, uma coisa terrível. Seria tão bom ter um quadrinho daqueles de lousa, eu não me importaria de gastar todo o salário comprando *pilot*. O giz me atrapalha muito. Me atrapalha não haver uma coordenação pedagógica na escola. Porque eu acho que muito esforço que existe aqui por vários professores, que é feito isoladamente, porque a estrutura não permite agregar... Não é que não permita, mas não há nenhum mecanismo que favoreça essa articulação. Então, não existir um coordenador pedagógico é o mais... é o que mais atrapalha. Até aturaria melhor o giz do que essa... A gente consegue fazer alguma coisa em Português e a equipe de professores da escola é muito boa, então, quer dizer, o resultado é muito pífio em relação ao que está aí... Eu acho que muito é por conta disso.

**E na sua aula, o que você acha que você consegue como resultado?**

Eu fico muito aquém do que eu gostaria, né? Mas eu percebo uma coisa que é um objetivo principal meu, e que eu acho de alguma maneira, eu tenho conseguido com a maioria deles, é ouvir o outro. No começo, quando começam a falar, todo mundo fala... Isso é o que mais me desgasta. E aí, no final, eles já começam a dialogar. Porque no início, quando você pergunta, eles falam para mim, eles falam baixinho. Aí eu digo: 'Mas, não é para mim, isso eu já sei, tô careca de saber'.

**O que representa para sua vida, sua carreira, dar aula de língua, de literatura nessa escola, para essa turma?**

Representa o fechamento de um ciclo, né? Eu gostaria de já estar me aposentando, essas mudanças todas aí não estão me permitindo isso...

**Você é nova! Quantos anos você tem?**

Cinquenta.

**Não parece nunca.**

Lévi Strauss diz isto, né? Que quem permanece na escola é porque tem uma sede de permanecer na juventude. Eles me rejuvenescem. E eu falo isso para eles também: 'Eu preciso de vocês, porque eu não tenho dinheiro para fazer plástica... não tenho nada... vocês é que tem que me rejuvenescer!'. No começo do ano é muito louco... A francesa que tava aqui, ela falou 'É muito loucura!'. Imagina, veio um dia observar aula lá que estava escrito 'formalismo'! Mas eu também nem faço cena para o pesquisador, nem deixo de fazer o que eu faço também, porque eu acho que é muito ruim, né?

**E tem uma sala de computadores aqui na escola... Como é que ela é usada?  
Dentro do seu curso você usou uma vez só?**

Tem. Muito pouco, porque também é complicado, entendeu? Às vezes você desce e não está tendo acesso a Internet. O que me interessa entrar com eles é para pesquisar, pra ver... Às vezes você desce não tem como imprimir... E aí uma vez a gente tava com um arquivo... Eu tenho um problema particular... Os alunos salvaram arquivos e o cara que veio aqui, não nenhuma visão pedagógica, que é um administrativo que usa, apagou tudo! Então eu fiquei furiosa! Foi ano passado... Entendeu? O trabalho... Quer dizer, agora até eu tenho um *pen drive*, mas eu não sei se eu posso botar meu *pen drive* ali, não vou pegar um monte de vírus. Enfim, eu acho que é da escola... Não eram arquivos pesados nem nada. fiquei muito indignada com isso, isso me afastou. A Flávia usa bastante mais, ela tem uma regularidade.

**Tem uma sala de vídeo também...**

Tem. A sala de vídeo... Eu sou muito exigente comigo. Com os meninos... Com os meninos muito menos. Mas com a escola eu sou bastante. As cadeiras são assim [aponta para as cadeiras da sala de aula, feitas de madeira e ferro]. É muito desconfortável, então eu só uso se for coisa muito curtinha.

**Se for filme de duas horas...**

Nunca. Não tem condição.

**É cadeira de madeira mesmo...**

É... e é assim! Eu não consigo sentar naquela cadeira! Eu te deixei numa torta... Eu tenho um problema sério de coluna. Essa é reta, até eu acho que dá para ficar duas horas aqui... É horrível! Você não tem noção de como é ruim... E eles reclamam, e eles são imensos, eles cresceram muito e as cadeiras são pequenas para eles. Então eu usei... Eu já usei muito mais... Até porque meu material foi se deteriorando, não consegui. Eu começava o terceiro ano com uma palestra do Paulo Freire que é uma dissertação oral e é muito interessante, ele fala muito bem e eu colocava a introdução, aí eles iam fazendo resumo... Era uma aula. Então eles perceberem que eu ia usar aquilo para dar aula, então por isso eu começava logo com Paulo Freire logo, dando uma pauladona na cabeça, para não achar que era assim: não tem o que fazer, vamos para o vídeo ver qualquer coisa... Mas aí se estragou essa fita que eu não consegui nem recuperar nunca... Eu queria ir... Eu vou ter ir na FBE, alguma vez, lá de São Paulo, tem um monte de coisa interessante para trabalhar nesse sentido. Porque se você começa só... Eu tô até estudando um livro 'Como usar o cinema na sala de aula', porque eu quero ensinar também essa linguagem cinematográfica. Foi quando eu passei o documentário para eles, porque eu tava ouvindo os comentários de 'Tropa de Elite', e vi que eles estavam muito ingênuos como leitores desse tipo de texto cinematográfico.

**Agora você pretende trazer outras linguagens? Música...**

É. E a Flávia fez um curso, acho que na PUC mesmo, qualquer extensão aí, em relação às tecnologias informacionais, né? Meios de comunicação, computação e tal... Aí a gente está com esse projeto ano que vem de fazer pelo menos a cada mês, um filme. Porque agora nós podemos ver lá no auditório. Tem um desses projetores, e aí a tela é grande e as cadeiras são mais confort... não são essas.

**E, para encerrar...**

É, eu falei sem parar, né?

**Muito bom, muito bom. O que é ensinar língua, literatura, para você, nessa escola, para esse aluno, nesse contexto social que a gente vive?**

Olha, é... Eu tive muitas oportunidades de largar o Estado ou permanecer no Estado. Até fui, fiquei um tempo... Trabalhei com Darcy Ribeiro, nas salas de

leitura nos CIEPs e tal. Eu trabalho na Fundação Darcy Ribeiro em função disso, né? Quando acabou aquele programa e que eu vi tudo desbaratar, Marcelo Alencar destruindo... Essa coisa da política, né? Que um destrói o anterior. Os brizolões, como tinha esse nome de brizolão... Olha que cada vez menos eu tenho partidatismo político. Nessa ocasião, eu era petista e trabalhava com o pessoal todo do PDT. Darcy foi muito interessante porque ele escolheu quadros técnicos. Tinha gente de todo o jeito lá... Eu, a primeira providência que eu tomei no ano de noventa e cinco, quando assumiu o Marcelo Alencar, foi querer voltar para a escola. Eu fiquei lutando nisso, tive que ter uma briga muito séria para poder voltar, porque queriam me manter na secretaria, mas, uma coisa horrível. Quer dizer, eu acredito que é uma missão – mas não no sentido religioso, nem nada, não – que eu assumi quando eu larguei a Aliança Francesa lá trás e optei pela escola pública. Que eu fiquei muito triste, eu falei: ‘meu Deus do céu, a gente fica fazendo esses mestrados, aprendendo essas teorias lá, com aquele professor [citou o nome de um dos seus professores, teórico da literatura], não sei o quê, quando a maioria da população não consegue ler uma nota no jornal’. Aí eu achei uma desigualdade tão louca e eu optei por fazer esse trabalho aí. Ensinando, quer dizer, trabalhando com professores alfabetizadores. Há muitos anos eu faço isso, capacitação de professores.

### **Ainda faz?**

Faço. Atualmente não são alfabetizadores, mas são, porque é o programa pra jovem e os professores... O objetivo, o foco desse programa é que os meninos em um ano aprendam... evoluam muito na questão da produção de leitura e escrita. São jovens de dezoito a vinte e quatro anos, que tem a quarta série, mas tem essa quarta série... É uma... Ampliando um pouco, é alfabetização ainda...

**Você tem uma coisa muito bonita, assim, que eu percebo no seu discurso, de servir, de servir ao país, de servir aos meninos...**

É uma babaquice isso! [risos]

### **Mas é muito bonito...**

Mas eu já estou cansada de servir, entendeu? Quer dizer, eu falei isso é porque é real mesmo... Se eu não quisesse estar aqui, eu poderia estar fazendo outras

coisas, quer dizer, que me remunerassem melhor ou que me dessem um prestígio social. Eu gosto muito do convívio com esses alunos. Então, eu gosto mesmo. E, quer dizer, eles me servem de alguma maneira. Então não é isso, não tô fazendo... Quando eu falei missão, não é no sentido disso, de eu me doar, que eu nem sou muito doadora não, eu acho que é uma troca.

**É engraçado essa coisa do afeto, porque eles certamente percebem isso, né? Quando o professor gosta de estar ali, gosta deles...**

É. Porque eu brinco, eu, eu, eu sou gozada. Tem um menino ali que ficou apavorado. E eu contei isso para minha filha e minha filha falou: ‘Mãe, você é doida!’. Porque o menino pintou o bigode de louro – você tava neste dia? - e todo mundo ficou implicando, aí eu falei ‘Ah, o bigodinho ficou bonitinho!’. Porque eu pego logo, entendo como são as implicâncias. Aí eles disseram: ‘Mas, ele pintou a axila também!’. Aí quando terminou a aula, ele tava saindo, uns três alunos só, aí eu falei: ‘Ah, agora você vai ter que me mostrar a axila... Quero ver...’. O garoto ficou vermelho!

**Luana, não tenho como te agradecer pela entrevista e pelo acolhimento.**

## Anexo 2.

### Roteiro para entrevista com alunos

1. Qual o seu nome?
2. Qual a sua idade?
3. O que você acha da sua escola? Estuda aqui desde que ano?
4. Como você se classifica em termos de classe social?
5. Como é o seu cotidiano? O que faz no dia-a-dia e no fim de semana?
6. Você trabalha? Em quê?
7. Seus pais trabalham? Em quê?
8. Qual a sua religião?
9. Você gosta de ler? O quê lê? Quando? Onde?
10. Em caso negativo: já gostou de ler, quando criança, por exemplo?
11. Usa computador? Tem em casa? Como é este uso?
12. Considera-se um leitor? O que significa ser leitor, para você? O que significa leitura?
13. Quais são os seus livros e autores preferidos?
14. O que significa literatura para você?
15. Que tipo de textos ou autores você associa à literatura?
16. O que você acha das aulas de Luana?
17. O que acha da professora?
18. Que autores vocês leram na escola este ano?
19. Como seria uma aula de literatura ideal para você?
20. Ler literatura, na sua opinião, faz diferença na vida de uma pessoa? Por quê?
21. Você vê algum significado em aprender literatura na escola na sociedade atual?
22. De que forma a escola influencia a sua relação com a leitura?
23. Como é a relação da sua família com a leitura? De que forma a família influencia a sua relação com a leitura?
24. O que a leitura representa na sua vida?
25. Qual é o seu projeto de vida?
26. O que acha da sua sala de aula?

27. Em uma das aulas a que eu assisti, vocês discutiram sobre racismo e preconceito, a partir da crônica lida. Como você vê esta questão? Você considera que já sofreu algum tipo de racismo ou preconceito? Para você, raça existe? Como você se classificaria em termos de cor?

**Anexo 3.****Entrevista com o aluno Alexandre realizada em novembro de 2007**

**Qual o seu nome?**

Alexandre.

**Qual a tua idade, Alexandre?**

Dezoito anos.

**Alexandre, que que você acha da tua escola?**

Eu acho uma boa escola.

**Você gosta de estudar aqui?**

Gosto. Dentre outras, essa daqui é considerada escola modelo do estado. Os professores são bons.

**Como você se classifica em termos de classe social?**

Média baixa.

**Alexandre, e como é que é teu cotidiano? Estuda, vem pro colégio de manhã...**

Aí, logo após eu vou ao trabalho. Vou trabalhar.

**Você trabalha em quê?**

Eu trabalho numa loja, a gente presta serviços terceirizados pra concessionárias e agências de carro. Às vezes, antes de ir pro trabalho, eu passo em casa pra almoçar e tal, mas quando não dá tempo, eu vou direto para o trabalho.

**Você mora onde?**

Eu moro na Barra.

**Barra.**

Isso. O trabalho fica perto, mas demora um pouquinho. Depois vou pra casa.

**Fim de semana?**

Aí fim de semana...[risos] Fim de semana é o único dia que eu tenho para ver minha namorada.

**Excelente! Faz bem.**

Então eu fico com ela sexta e sábado e domingo, quando ela está pela parte da tarde, que ela trabalha, pega de seis até... Aí fico com ela, depois eu vou pra casa.

**Ela trabalha final de semana também?**

Trabalha. Ela trabalha num hotel.

**Muito bem. Você tem religião?**

Não.

**Você gosta de ler, Alexandre?**

Eu não tinha muito interesse por leitura. Quer dizer, eu sempre achei ler uma coisa bacana, mas eu nunca tive paciência pra ler, também eu nunca tive estímulo dentro de casa que me incentivasse a ler, mas eu gosto de ler, também. Como eu disse há pouco, acabei de concluir a leitura de um livro que foi lido por mais de quarenta e cinco milhões de pessoas. Achei interessantíssimo.

**Foi *O Código da Vinci*.**

Isso.

**E aí você leu por quê? Você que escolheu ou alguém indicou?**

Não, eu li porque eu tinha ouvido falar do filme, assim, só que eu não tive oportunidade de ver o filme. Aí a minha namorada chegou com o livro em casa, eu falei... Eu peguei pra eu ler.

**Ela leu também?**

Não, ela ainda não leu. Eu li primeiro do que ela.

**Ela comprou?**

Isso, ela comprou. O livro é dela.

**Ah, e ela gosta de ler, sua namorada?**

Ela lê, ela lê bastante. Ela e a mãe dela leem direto. Então elas que estão, tipo, me instigando a ler agora, depois de tanto tempo.

**Que legal! E você mora com seus pais?**

Eu moro com os meus pais.

**Tem irmãos?**

Tenho. Um irmão de três meses.

**Mentira! Pequitinho.**

E uma irmã de dezesseis.

**Legal.**

Só que ela agora, engravidou e teve que parar os estudos dela.

**Vai ganhar um sobrinho, agora, Alexandre! Vai virar tio.**

Vou ter um irmão e um sobrinho da mesma idade.

**E são todos do mesmo pai e da mesma mãe, você, sua irmã e o pequenininho?**

Sim. Todos. Todos três.

**Os seus pais trabalham?**

Os meus pais trabalham.

**Sua mãe, hoje em dia, mesmo com a criança, está trabalhando?**

Não, ela não voltou a trabalhar, que ela está de licença maternidade. Mas agora, também, ela não sabe como vai ser essa volta dela ao trabalho.

**Pois é. Ela trabalha em quê?**

Ela é doméstica.

**E o teu pai?**

Meu pai, ele trabalha numa cozinha de restaurante tailandês.

**Olha só! E você é magrinho assim...**

Por sinal, do mesmo padrão que eu.

**Ah é? Da mesma empresa?**

É. Eu comecei a trabalhar com esse rapaz, aí depois de sete meses ele abriu um restaurante tailandês. Aí o caseiro que trabalhava para ele saiu e o meu pai começou a trabalhar no lugar dele, depois admitiram meu pai como funcionário do restaurante lá.

**Ah, que bacana. E o teu pai cozinha bem?**

É, tipo, comida brasileira, cozinha, tailandesa, não! [risos] Não, ele...

**Quem cozinha na tua casa? Ele ou tua mãe?**

Os dois.

**Legal. Ô Alexandre, e fora livro, você lê alguma outra coisa? Jornal, revista, ou não?**

Tipo, notícia de jornal, assim, bem por alto, a não ser que seja, seja passando alguma coisa, entendeu? Um escândalo, eu vou e leio a respeito daquilo. Ou então, quando não tem nada pra se fazer mesmo, aí eu pego o jornal e leio.

**Tem jornal na tua casa ou você lê aqui no colégio?**

Não, leio, assim, no trabalho, sempre tem jornal onde eu trabalho, a gente vê pela Internet, notícia do G1, Globo *on line*, coisa assim.

**Ah, pela Internet. E, me fala uma coisa, e livro, você leu um agora inteiro, com que frequência você lê? Uma vez por semana, uma vez por mês, uma vez por ano?**

Tipo, agora eu já terminei de ler esse, agora eu já vou ingressar e ler outro, ou seja, agora eu estou ficando...

**Você se considera um leitor?**

Eu estou começando a entrar no mundo dos leitores. Antes eu, tipo, certos textos eu pegava e apenas fazia uma leitura dinâmica, não compreendia o que estava escrito, apenas decifrava as palavras. Agora eu já, já consigo, é, captar a mensagem que está passando.

**Como é que você definiria um leitor? Como seria um leitor?**

Aquele que capta a mensagem, né, que está sendo transmitida, que sabe relacionar os fatos a uma determinada época, é, essas coisas assim.

**Na sua família, você teve estímulo pra ler? Como é a relação deles com a leitura?**

Não, eu nunca tive estímulo pra ler, não, porque os meus pais eles são semi-analfabetos, né, nenhum conseguiu completar, concluir o ensino de primeira a quarta série, devido eles terem que trabalhar e tudo o mais. Então, eu nunca tive um estímulo pra ler, ler. Meu, tipo, meu pai ele lê bastante, sempre via ele lendo jornal, sempre jornal. Agora, pra ler livros, assim...

**Mas ele lê jornal. Ele lê em casa ou no trabalho?**

Hoje em dia ele não tem mais tempo, mas antigamente ele lia sempre em casa.

**E você que está seguindo aí os estudos, né?**

É, eu concluí agora.

**E qual o teu projeto de vida?**

Tipo, alguma faculdade?

**Não sei, qual o teu projeto de vida?**

Eu não sei bem o que vou fazer da vida.

**Ainda não sabe bem.**

É. Esses dias eu estava lendo uma crônica que o Bial [Pedro Bial, jornalista] fez em música, é, fala assim, ‘não se preocupe com o que você vai fazer da vida’.

**Eu conheço.**

Preocupação é tão eficaz quanto mascar chiclete.

**Então, você não vai fazer vestibular agora, no final do ano?**

Não, agora não. Eu dei mole, eu perdi o ENEM... E ano que vem eu pretendo fazer alguns cursos e fazer o pré, para ano que vem ingressar na faculdade.

**Fazer pré-vestibular?**

Isso.

**Legal. Mas aí você não sabe ainda o que você quer estudar.**

Eu estou pensando seriamente em fazer Química.

**Química? Por quê?**

É, porque aí é uma boa pra... não, porque, eu cursando a faculdade, eu tenho como arrumar um emprego. O meu cunhado, ele trabalha numa empresa de aditivos, ou seja, todo mundo faz até cursinhos de Química, eles admitem.

**Ah, porque falta mão-de-obra especializada, imagino...**

É. Ou seja, posso começar a estagiar e ter um...

**É, interessante, aproveitar uma brecha do mercado, né? E o que a leitura representa nesse percurso?**

Representa bastante coisa, me tirando do mundo das trevas da ignorância e está me fazendo ter uma visão mais ampla das coisas. Inclusive agora eu estou dedicando-me também a interpretar comerciais - alguns eu conseguia, mas não com a facilidade que eu estou tendo agora depois da leitura -, filmes, está ficando mais fácil.

**Interpretar em que sentido, você diz?**

Ah, tipo, às vezes eu via um filme, mas ele passava uma mensagem, ou então, tipo, a mensagem de um filme besta dos Simpsons é, 'cara, não use cópia pirata, não sei o que lá, vai ao cinema', e a cópia que eu estava vendo era pirata... Estava chamando a gente de idiota, olha só. Antigamente, eu ia ser chamado de idiota e nem ia perceber.

**E você acha que a leitura é que está te ajudando a aumentar esse poder de compreensão, digamos assim?**

É, que me faz ficar mais atento às coisas.

**E essa leitura que você diz é a leitura dos livros ou você inclui também jornal ou outros textos?**

Dos livros e textos, mais poesias, assim, que eles sempre têm um duplo sentido.

**Exercita, né?**

É.

**E quando você fala em literatura, você pensa em quê? Que tipo de texto você associa à literatura?**

Mais textos literários, poéticos, coisas assim tem a ver com literatura.

**Tem algum autor que tenha te marcado, assim, algum autor preferido, algum livro?**

Autor de livro, ah, não sei, não.

**O que você acha das aulas da Luana?**

As melhores que tem, porque eu gosto de Português, a matéria que eu tenho melhor desempenho é Português.

**Ah, é?**

É, eu sempre tiro muitas boas notas. Eu sempre, tipo, eu sempre soube ler, mas não queria enxergar que sabia ler. Um texto, interpretar um texto, eu interpretava com dificuldade, mas sempre saía, conseguia interpretar direitinho, me saía melhor do que outros. Que a minha melhor nota é em Educação Física e eu só fico em Português atrás por um décimo. Só fico atrás de Educação Física por um décimo. Então a nota de Português está boa.

**E me explica, me fala mais sobre isso, você descobriu que sabia ler, como é que foi isso?**

É, porque eu pensava, eu lendo assim, só por ler, tipo, não conseguia sugar, mas quando tinha que interpretar, perguntar sobre o que o texto falava, eu conseguia dizer o que o texto falava. Só que se eu pegasse assim, ler por ler, com desdém, eu lia e ‘ah, isso aqui eu não entendi nada’. Agora quando era feito perguntas àquilo, aí eu lia e conseguia ler de novo e interpretar.

**Você viu que você conseguia responder as perguntas.**

É.

**O que você acha das aulas de Literatura? Como é que você classifica as aulas da Luana? É Português, é Literatura? Ou os dois? Como é que você pensa?**

Acho que elas transmitem, é, um pouco de cultura, né?

**Mas, você classifica a aula dela como aula de Português ou aula de Literatura ou os dois? Como é que você vê a aula da Luana?**

As duas coisas.

**As duas coisas?**

Isso. Tipo, a professora do ano passado, ela passava mais literatura do que gramática.

**E a Luana dá mais gramática, então?**

É, ela trabalha com bastante gramática, até porque... é, tem gramática e literatura, acho que ela balança bem os dois .

**E o que você acha especialmente das aulas de literatura que ela dá?**

Como assim?

**Você gosta? É uma aula legal? Te estimula a ler? Como é que você vê?**

Ah, eu gosto, né? Fala de coisas que aconteceram no passado, que vem até os dias de hoje, que faz eu compreender as coisas. Tira do mundo das trevas da ignorância.

**Como é que é o trabalho dela com os textos?**

Ela procura fazer com que todos participem e que todos compreendam, ela faz a gente ler individual, pede para um ler, versos ou frases. Ela lê também junto com a gente, explicando, questiona as coisas no texto pra ver se a gente entendeu, para para ver se a gente conhece alguma palavra da Língua.

**O trabalho com o texto, como é que é feito?**

O trabalho com texto?

É.

Ela faz... geralmente, ela costuma passar um trabalho, a gente escrever alguma coisa, tipo, uma poesia também, fazer um cartaz falando o que a gente achou, se gostou de trabalhar, essas coisas.

**E ela trabalha gramática também, a partir dos textos? Ou não?**

É, às vezes ela usa o texto pra explicar que aquilo é coisa do... que é da vida, ou seja, gramática a gente vai pegar um monte de frases, vai mostrar que tem em textos, em tudo quanto é texto existe gramática.

**Certo. E você gosta de ver filme também, DVD, cinema?**

Gosto.

**Vê bastante?**

Bastante. É.

**Teatro, você gosta?**

Teatro, eu gosto, mas não costumo frequentar, não. Mas todas as vezes que eu fui, eu me diverti bastante.

**E computador, você tem?**

Tenho.

**E usa bastante?**

Uso.

**Assim, diariamente? Como é este uso?**

É, todo dia. *Sites* da Internet, tem esse negócio de orkut, MSN...

**O que mais você usa?**

Sei lá, eu gosto de baixar, agora eu estou baixando livros, até! Fazer isso no computador, baixar músicas, uns programas pra jogos, essas coisas, pra organizar planilhas de textos, essas coisas.

**Alexandre, ler literatura, na sua opinião, faz diferença na vida de uma pessoa? Pode fazer diferença?**

Faz, sim.

**Em que sentido?**

Torna a pessoa mais sábia, culta, sabe associar fatos que estão acontecendo hoje, por que está acontecendo. Porque tudo já vem desde o passado, então você sabe exatamente como é que tudo começou. Você se colocando no universo, não tem grandes surpresas quando algumas coisas de hoje em dia acontecem.

**E você me falou que a sua namorada que está te estimulando a ler.**

É, porque ela lê desde pequena.

**E você estuda aqui desde que ano? Desde o primeiro?**

Desde o primeiro ano.

**E de que forma a escola influenciou a sua relação com a leitura, se é que influenciou?**

Ah, agora também, né? Estimulava, mas não estimulava bastante, mas agora eu estou lendo mais. Só que isso aí vai de mim, né?

**É. Nesse mundo que a gente vive, com computador, internet, DVD, tantas mídias, televisão e tal, você vê algum sentido em aprender, em continuar aprendendo literatura nos dias de hoje, na escola?**

Acho que eu vejo sim. Acho que nada substitui o professor-aluno, se você perguntar o porquê, acho que tem uma... você vai mais a fundo nas suas perguntas, acho que nem todas as respostas assim você vai encontrar pergunta completa, mas tipo, eles vão te dar o caminho pra você pensar.

**Entendi.**

Eu gosto muito de me relacionar com os professores.

**Com os professores?**

É.

**Você gosta dos seus professores daqui do colégio?**

Gosto.

**O que você acha da sua sala de aula?**

Acho que está legal, porque eu vejo pelas televisões outras salas de aula e acho feia, pequena, pior, suja. Então, essa daqui está ainda bem organizada.

**E se você fosse dizer um ponto negativo da sua sala, qual seria?**

Qual seria? Sei lá. Acho que as janelas.

**Por que as janelas?**

Atrapalha. O barulho da rua... tem que interromper. Se fosse calcular, a gente ia perder, num total de aula, uns quinze a vinte minutos por barulho da rua.

**Você acha que perde de quinze a vinte minutos de aula, por causa do barulho?**

É.

**Atrapalha então o aprendizado, na verdade.**

Atrapalha. Às vezes, o professor quer falar ou então você está lendo, vem aquele barulho, tem que interromper.

**Tem que interromper.**

É. Aí, também, além do barulho, começa o falatório dentro de sala.

**Muito bom, seu Alexandre. E o que que a leitura representa na tua vida?**

[Pausa.] Acho que... faz com que eu aprenda coisas que... da vida, que a vida há de me ensinar, faz eu pensar coisas que outras pessoas não podem me responder. Eu, com a leitura, tendo uma visão de um outro, debatendo o que ele escreve, eu acho que...

**Que bacana, Alexandre. Você fala coisas muito bacanas, sabia? Para encerrar, última pergunta.**

Tipo, agora música, interpretar música também, eu estou vendo com...

**Ah, que legal! Quer dizer que as próprias letras das músicas agora você está interpretando.**

É, tipo, as músicas da Vanessa da Mata, que falam 'as palavras, o que são palavras?'. Eu fico debatendo isso comigo durante o maior tempo e agora, também, lá onde eu trabalho, tem um rapaz que está fazendo faculdade, ou seja, fica eu e ele debatendo, a gente lê sobre uma coisa, a gente fica debatendo, palavra que eu não sei eu pergunto pra ele o significado ou então pergunto de propósito pra ver se ele sabe, e a mesma coisa ele faz, alguma curiosidade, ele vem e pergunta pra mim. Então isso me estimula a ler também.

**Legal. E às vezes você fica debatendo com você mesmo, ali pensando, né?**

É, além do mais, os meus patrões, eles não são brasileiros, ou seja, eu fico sugando com eles algumas coisas de fora.

**Ah, que legal! Eles são da onde?**

Eles são da Alemanha, ou seja, Alemanha tem esse negócio de Guerra Fria, Muro de Berlim, Primeira e Segunda Guerra Mundial, essas coisas, Nazismo. Inclusive, eles viveram na época do Muro é da, do, da, esqueci agora, da... Eu queria falar do

desastre ecológico de..., era..., esqueci o nome da cidade que houve o desastre ecológico.

**Mas, enfim, história de outra cultura, né?**

É.

**E essa troca que você tem, por exemplo, com esse seu colega, você tem com alguém aqui na escola ou não? Tem algum colega teu que lê também? Que gosta, assim?**

Não.

**Não.**

Na escola, é difícil trocar informações a respeito desse tipo. Acho que agora eles... Eu estava lendo livro na sala, eles vieram me perguntar: 'Ah, que livro é esse? É do filme? Então deve ser maneiro'. Aí eles perguntavam em que parte eu estava, alguns assistiram o filme e viram que eu sabia. Acho que o interessante do livro, fora do filme, é que ele conta com mais detalhe, então, assim, ele faz você viajar, que conta o cheiro do lugar que você entrou, descreve o que tinha na parede. Coisas que você, não lendo o livro, às vezes passa imperceptível. Conta como o personagem se sentiu e faz também, tipo, algumas coisas que eu sinto, vamos dizer, uma dor física que eu não sei descrever, lendo o livro eu falo 'ah, então é assim'. Então você aprende a descrever as coisas, então eu acho isso interessante também.

**Que legal, Alexandre! E você viu o filme também?**

Não. O filme eu, tipo, quando eu comecei a ler o livro, eu procurei na Internet e baixei o filme, aí eu falei, vou deixar pra ver o filme quando eu terminar de ler o livro, ou seja, acabei de ler o livro ontem, vou assistir o filme hoje.

**Muito bom, Alexandre.**

Agora eu vou ler o... eu vi o *Harry Potter*, só tinha visto os filmes, agora vou ler os livros, pra ver. Que todo mundo que leu o livro, falou, ah, sei lá, o filme ele corta muita coisa e coisas que eu não tinha percebido... Do segundo filme pra cá,

o castelo não tinha mais aquela magia do primeiro, deixaram de mostrar muitas coisas. Então agora eu vou ler o livro.

**Alexandre, última pergunta. Na última aula a que eu assisti de vocês, foi na sala de vídeo, vocês estavam discutindo um texto sobre preconceito, sobre racismo. Queria saber como é que você vê essa questão? Existe ou não existe? Como é que você percebe?**

Não dá pra negar que o preconceito existe e que também é uma idiotice, mas, sei lá, a gente está habituado a isso. No outro dia, eu estava no banco, aí tinha um cara lá do banco, o rapaz que trabalhava no banco todo, sabe, um gay, um velho e todo mundo olhando pra ele e achando aquilo ridículo, aí eu virei pro outro e falei assim ‘tá vendo, não dá pra negar que o preconceito existe’, eu estou revoltado com isso.

**Você acha que você já sofreu algum preconceito?**

Ah, acho que já, mas...

**Já? Relacionado a quê?**

Sei lá, talvez pela forma de se vestir, de estar num lugar assim, com... Sabe que hoje em dia o capitalismo obriga a gente a ser bem sucedido, até nas coisas. Talvez eu estivesse num lugar com um monte de amigos onde eles estavam com, é, roupas caras e eu estava inferior, às vezes, eu com roupas mais caras do que outros, e ‘olha lá o playboyzinho, cheio de roupa’. Poxa! Não é isso, eu trabalho, às vezes eu não estava inferior, ‘mas você não tem dinheiro pra isso, não sei o quê’. Acho que se você tem, você é criticado, se você não tem, você também é criticado.

**Quer dizer, existem vários tipos de preconceito... E você se casa quando?**

Ah, não sei... [risos]

**Brincadeira, falta muito ainda, né, Alexandre?**

É, daqui uns quatro anos.

**Muito obrigada, viu, Alexandre, pela entrevista.**

De nada.